



Varia Historia

ISSN: 0104-8775

variahis@gmail.com

Universidade Federal de Minas Gerais

Brasil

Boisard, Stéphane

Pensando as direitas na América Latina. Objeto científico, sujeitos e temporalidades?

Varia Historia, vol. 30, núm. 52, enero-abril, 2014, pp. 85-100

Universidade Federal de Minas Gerais

Belo Horizonte, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=384434844005>

- ▶ Como citar este artigo
- ▶ Número completo
- ▶ Mais artigos
- ▶ Home da revista no Redalyc

The logo for Redalyc.org consists of the word "redalyc" in a red, italicized, sans-serif font followed by ".org" in a smaller, black, sans-serif font.

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Pensando as direitas na América Latina

objeto científico, sujeitos e temporalidades?*

*Thinking the Latin American right-wing
scientific object, actors and temporalities*

STÉPHANE BOISARD**

Centre de Recherche et de Documentation des Amériques
Université Sorbonne Nouvelle Paris 3
França

RESUMO No alvorecer da década de 2000, no momento em que vimos a ascensão ao poder da esquerda na América Latina, foi cada vez mais comum encontrar, na imprensa e nos trabalhos científicos, referências aos partidos políticos de direita, como se essa categorização fosse auto evidente e fosse inerente aos sistemas políticos modernos que se estabeleceram e se consolidaram desde a independência. Nada é menos certo e, apesar de alguns esforços monográficos e de estudos comparativos meritórios, podemos apenas lamentar a pobre literatura existente sobre esta facção política. Este artigo irá elaborar, primeiro, um quadro síntese das principais questões historiográficas levantadas pela ascensão das direitas na América Latina. Depois, fornecerá uma grade de leitura geral forjada a partir de estudos sobre as direitas francesas, com o objetivo de alimentar a reflexão nascente sobre suas companheiras do outro lado do Atlântico.

* Artigo recebido em: 05/10/2013. Autor convidado.

** Contato: stephane.boisard@univ-paris3.fr.
Tradução de Clara Furtado Lins.

Palavras-chave direitas políticas, América Latina, história conectada

ABSTRACT At the beginning of the 21st century, when Latin America is mainly governed by the Left, it is increasingly frequent to find references to right-wing movements or parties in newspapers or scientific works, as if this categorization was an obvious fact and as if it was inherent to the modern political systems which have risen and gathered strength since the independence of Latin American countries. However there is nothing evident about it. Despite some praiseworthy monographic and comparative studies, the paucity of the existing bibliography can only be deplored. This paper will first give a review of the main historiographic questions on right-wing movements and parties in Latin America. It will then offer general considerations based on scientific literature dealing with the French right-wing, with an aim of nourishing the incipient reflection on its Latin American counterparts.

Keywords political right-wing, Latin America, connected history

Introdução

No momento em que ocorre certa confusão de posições no jogo político na América Latina – com as esquerdas aplicando teorias econômicas neoliberais – é cada vez mais comum, hoje em dia, encontrar, na imprensa, ou nas dissertações científicas, referências a partidos políticos de direita ibero-americanos como se essa categorização se revestisse de auto evidência e fosse inerente aos sistemas políticos modernos que se estabeleceram durante os séculos XIX e XX. No entanto, este termo surge relativamente tarde no vocabulário político ibero-americano (por exemplo, no Chile, apenas nos anos 1930) e continua a ser questionável em muitos países como, por exemplo, na Argentina, onde o atual sistema político se organiza, desde a década de 1990, em torno do partido peronista, no qual coexistem uma direita e uma esquerda!¹ A confusão em torno deste conceito ocorre, para muitos, devido à falta de reflexão teórica e histórica, o que é confirmado por uma bibliografia incomparavelmente pobre, comparada à relativa aos movimentos e aos partidos de esquerda atuais.

Em contraste, mencionaremos os estudos sobre o caso francês, que pode ser utilizado como referência para uma reflexão conceitual sobre as “direitas ibero-americanas”. Historicamente, é neste país que foi forjado o conceito de “direita”, que se referia à posição dos partidários do rei, à sua

1 Paradoxalmente, é neste país que a maioria dos trabalhos foi produzida, entre eles DEUTSCH, Sandra McGee; DOLKART, Richard (eds.). *The Argentine right: its history and intellectual origins, 1910 to the present*. Wilmington: Scholarly Resources, 1993.

direita, nos então *Etats Generaux* (Estados Gerais), de 1789. E, desde a publicação da famosa obra de René Rémond, em 1954, para as edições Aubier, intitulada *La Droite en France de 1815 à nos jours: continuité et diversité d'une tradition politique* (A direita na França de 1815 aos nossos dias: continuidade e diversidade de uma tradição política), sabemos que existe uma continuidade histórica nessa tradição política plural. René Rémond rebatizou, mais tarde, seu livro, como *Les droites en France* (As direitas na França), no qual distingue três facções procedentes dos conflitos ocorridos na Revolução Francesa: as direitas *legitimistas* (direita contra revolucionária), *orléanista* (direita liberal moderada) e *bonapartista* (direita cesariana). Ao fazer isso, ele destaca a relação existente entre as diversas expressões de cada uma dessas tendências de direita, desde o início do século XIX, mas, sobretudo, ele faz da dualidade direita/esquerda uma “rosa dos ventos”, não essencialista, e sim evoluindo ao longo do tempo, a qual estrutura a vida política na França. Tal interpretação, devemos lembrar, foi contestada na França no momento de sua primeira publicação, que ocorreu em 1954 (a direita e a esquerda estavam, então, divididas e os governos que chegaram ao poder repousavam sobre as grandes maioria parlamentares, seja de direita ou de esquerda).

Uma acusação contra este autor é que ele não consagra, neste estudo, muito além do que poucas páginas para uma “quarta” direita, chamada de “extrema” ou “radical”, ela própria plural, como resumiu justamente Olivier Dard.² René Rémond chega a questionar a existência de um “fascismo francês”, vinculando o regime de Vichy à facção legitimista, o que foi contestado por diversos autores, muitas vezes polêmicos, como Ernst Erich Nolte ou Zeev Sternhell. Esses procuraram mostrar oascimento, no final do século XIX, de um pensamento de direita fascista, no qual se misturava o boulangismo, de Maurice Barrès e Eduard Drumont, mas também o sindicalismo revolucionário, de um Sorel.³ Com os trabalhos de Zeev Sternhell, a direita foi enriquecida por uma nova qualificação, a de “revolucionária”. O historiador Eugen Weber interessou-se pela direita “reacionária”, encarnada pela *Action Française* (Ação Francesa). E, finalmente, as ferramentas para pensar as direitas na França foram novamente enriquecidas com os trabalhos sobre o *poujadisme* (poujadismo), a Frente Nacional e sobre o que o cientista político Pierre André Taguieff chamou de “a nova direita”.⁴

2 DARD, Olivier (ed.). *Doctrinaires, vulgarisateurs et passeurs des droites radicales au XXe siècle – Europe-Amériques*. Berne: Peter Lang, 2012, p.6. Também consultar sobre essa tema: BACKES, Uwe. *Les Extrêmes politiques: un historique du terme et du concept de l'Antiquité à nos jours*. Paris: Cerf, 2011.

3 STERNHELL, Zeev. *La droite révolutionnaire (1885-1914): les origines françaises du fascism*. Paris: Éditions du Seuil, 1978; Paris, Gallimard, 1998. NOLTE, Ernst. *Les mouvements fascistes: l'Europe de 1919 à 1945*. Paris: Calmann-Lévy, 1969; NOLTE, Ernst. *Le Fascisme dans son époque*. v.3, Paris: Julliard, 1970.

4 MAYER, Nonna; PERRINEAU, Pascal. *Le Front national à découvert*. Paris: Presses de la Fondation nationale des sciences politiques, 1989, reedição, 1996; WINOCK, Michel (dir.). *Histoire de l'extrême droite en France*. Paris: Éditions du Seuil Points, 1994; MILZA, Pierre. *L'Europe en chemise noire: les extrêmes droites en Europe de 1945 à aujourd'hui*. Paris: Champs Flammarion, 2002; BOUCLIER, Thierry. *Les Années Poujade: une histoire du*

Tratando-se de apenas um país, são muitos qualificativos para uma única facção política e alguns deles são bastante complexos! E quanto à aplicação desses conceitos, que foram forjados na França, o que se passa no continente sul-americano? Depois de uma breve leitura da historiografia das direitas da América Latina, este artigo vai sugerir algumas pistas para essa reflexão, a fim de desenvolver um quadro conceitual que permita analisar esta facção política na América Latina.

As dúvidas acerca do uso do conceito de “direitas” na América Latina

Há pouca literatura acadêmica sobre as direitas na América Latina e os trabalhos monográficos sobre cada país continuam incompletos, mesmo que esta tendência esteja sendo revertida, graças a uma nova geração de pesquisadores.⁵ Para terminar de semear a discordia nesta definição de direita ibero-americana – e, assim, justificar uma maior reflexão sobre o assunto – é sabido que Eduardo Devés, em sua história do pensamento hispano-americano no século XX, não utiliza o termo “direita” para descrever o pensamento que não é de esquerda. Para o período de 1900 a 1950, ele apenas menciona a presença de um “ariélisme (arielismo) de direita e de esquerda”. Por outro lado, ele fala de um “pensamento nacionalista e da reivindicação de uma identidade econômica” do integralismo e do conservadorismo, com o intuito de caracterizar certos movimentos das décadas de 1930 a 1950. A “esquerda” existe como um conceito para pensar um campo da política, a direita, que está ausente.⁶ O breve panorama historiográfico proposto abaixo irá estabelecer alguns dos fundamentos desta reflexão.

O livro pioneiro de José Luis Romero: uma tentativa de definição

Em um estudo pioneiro sobre esse fenômeno, o historiador José Luis Romero fornece uma definição inicial das direitas: “não se trata de um partido, mas de um conjunto de grupos que compartilham a mesma atitude política. Eles podem ter no seu interior partidos partidos (...) mas esse conjunto ultrapassa o quadro partidário. Para compreender sua composição, é necessário não se limitar a ver apenas os grupos de opinião. É,

poujadisme (1953-1958). Paris: Éditions Remi Perrin, 2006; SOUILLAG, Romain. *Le mouvement Poujade: de la défense professionnelle au populisme nationaliste (1953-1962)*. Paris: Presses de Sciences Po, 2007; TAGUIEFF, Pierre-André. *Sur la Nouvelle Droite: Jalons d'une analyse critique*. Paris: Éditions Descartes et Cie, 1994.

5 Recomendamos o excelente trabalho realizado por Ernesto Bohoslavsky (Universidad Nacional General Sarmiento) e Olga Olavarria (CONICET – Argentina) que já organizaram cinco edições do «taller sobre derechas»: <http://www.ungs.edu.ar/derechas/?page_id=10>. Acesso em: 18 out. 2013.

6 DEVÉS-VALDÉS, Eduardo. *El pensamiento latinoamericano en el siglo XX: entre la modernización y la identidad*. Tomo I: *Del Ariel de Rodó a la CEPAL*; Tomo II: *Desde la CEPAL al neoliberalismo*; Tomo III: *Las figuras de fin de siglo*, Buenos Aires/Santiago: Biblos/DIBAM, respectivamente 2000, 2003, 2004. Niklaus Werz não faz nenhuma referência à direita em seu livro *Pensamiento sociopolítico moderno en América Latina*. Caracas: Editorial Nueva Sociedad, 1995.

acima de tudo, necessário estabelecer quais são os grupos sociais que se mobilizaram para formá-los".⁷ De acordo com esse autor, é inadequado, no caso da América Latina, confundir a direita com a burguesia e, muito menos, com as classes dominantes. Ele propõe, então, diferentes critérios para a definição das direitas. Na esfera política, as correntes liberais tendem a considerar "de direita" os grupos que fizeram uso do poder de maneira autoritária, por meio do estabelecimento de ditaduras ou da perpetuação de oligarquias no governo. Na esfera socioeconômica, são considerados "de direita" os grupos que defenderam a manutenção rigorosa das estruturas socioeconômicas e socioculturais tradicionais, herdadas da era colonial. Mas esses dois critérios continuam insuficientes para pensar as direitas e, por essa razão, J.L. Romero sugere que nos interessa mais pelo pensamento político e pelos grupos sociais que integram a direita. Isso também inclui um estudo das "atitudes sociais", o que seria traduzido, hoje em dia, pela cultura política e pelas sensibilidades. Então, ele distingue quatro conjuntos "de direita": Os grupos:

1. estritamente ideológicos, que acreditam e defendem a existência de uma ordem perene, sendo qualquer mudança percebida como sinal de decadência, perversão e caos;
2. cujos membros são "psicologicamente autoritários e partidários de ações violentas";
3. conformistas da classe média, para quem a ordem representa uma garantia de estabilidade de seu status;
4. populares, cuja mentalidade continua marcada pelo paternalismo, pela marginalização ou pelo ceticismo, pelo clientelismo político, ou ainda devido a práticas religiosas, magias e superstições "primárias".⁸

Ele conclui seu estudo com a seguinte ideia: "a direita ibero-americana criou suas raízes nas elites rurais do período colonial. Por esta razão, ela é percebida como a personificação das maiores virtudes do país, o que justifica os privilégios de que goza, bem como a desigualdade entre os cidadãos. Assim, ela se vê como o órgão político central do país e continua convencida de que os seus interesses coincidem com os dele".

Alguma periodização: as direitas ibero-americanas a longo prazo?

Do ponto de vista da periodização, J.L. Romero começou seu estudo sobre a direita abordando o final do século XVIII, quando da existência de uma "classe senhorial impregnada de uma concepção hispano-lusitana tradicional e das classes populares predominantemente rurais, que suspeitam

⁷ ROMERO, L. José. *El pensamiento político de la derecha latinoamericana*. Buenos Aires: Paidós, 1970, p.23 y siguientes.

⁸ ROMERO, L. José. *El pensamiento político de la derecha latinoamericana*, p.30.

da burguesia urbana e preferem manter a ordem paternalista tradicional".⁹ Depois, no final do século XIX, a parte superior da burguesia urbana progressista e liberal se fundiu com as classes senhoriais. Para retomar sua expressão: "As classes senhoriais se aburguesaram e as oligarquias liberais burguesas se senhorizaram".¹⁰ Em seguida, a direita evoluiu sob a influência da crise europeia do Entre Guerras, no século XX, tanto economicamente, quanto ideologicamente. Grupos de jovens denunciaram, então, o liberalismo em crise, dando origem às correntes influenciadas por Maurras ou pelos modelos políticos espanhóis, portugueses, italianos e alemães. J.L. Romero via em sua busca pela restauração de uma hierarquia o fortalecimento do nacionalismo e uma retórica anti-imperialista, aliada a uma exigência de justiça social, como as principais características desta direita conhecida como "populista".

No caso do México, o ensaísta Gastón García Cantú também parece traçar uma genealogia da direita que remonta aos últimos vice-reis da Nova Espanha, opositos à emancipação do vice-reinado, e a Agustín de Iturbide, arauto de uma casta que preferia a Independência à perda de seus privilégios.¹¹ Isso se estendeu ao Partido Conservador, que se organiza aproximadamente em meados do século XIX, e que confiou o destino do país a Santa Anna e, em seguida, ao imperador Maximiliano. Ela, então, personificou a oposição na Revolução Mexicana (General V. Huerta) e, depois, encarna o movimento *Císter* e o Partido de Ação Nacional, criado no final da década de 1920. Esta direita irá se estender a alguns governos *priistas* (especialmente no momento da repressão na Praça Tlatelolco, em 1968) para alcançar a grande virada liberal da década de 1980. A historiadora Sofía Correa adota uma lógica diferente em seu estudo das direitas chilenas. Ela explica, no preâmbulo de seu estudo, que "a elite chilena do século XIX, pressionada pelas circunstâncias históricas, se transforma em direita, no segundo terço do século XX, porque ela deve, pela primeira vez em sua existência, se inserir na arena política frente a forças sociais antagônicas, que desafiam seu controle da riqueza, do poder e do prestígio social".¹² A direita teria, então, aparecido tardiamente e sob a pressão dos acontecimentos. Sem negar a existência de uma direita nacionalista e corporativista – a quem não presta nenhuma atenção –, ela limita seu objeto de estudo a três atores principais da direita chilena: os dois partidos tradicionais, o Partido Conservador e o Partido Liberal (que se fundiram, em 1966, para criar o Partido Nacional); o patronato, muito bem organizado no seio de estruturas

9 ROMERO, L. José. *El pensamiento político de la derecha latinoamericana*, p.31.

10 ROMERO, L. José. *El pensamiento político de la derecha latinoamericana*, p.32.

11 CANTÚ, Gastón García. *El pensamiento de la reacción mexicana: historia documental, 1810-1962*. México: Empresas Editoriales, 1965; CANTÚ, Gastón García. *El pensamiento de la reacción mexicana (La Derecha)*. México: Lecturas Universitarias UNAM, 1997.

12 CORREA, Sofía. *Con las riendas del poder: la derecha chilena en el siglo XX*. Santiago de Chile: Sudamericana, 2005, p.9.

poderosas, como a Sociedade Nacional de Agricultura, a Confederação da Produção e do Comércio ou ainda a Sociedade Nacional de Mineração; e o jornal *El Mercurio*, pertencente ao grupo econômico Edwards, que pode ser considerado, segundo a terminologia de A. Gramsci, “o intelectual orgânico” das direitas chilenas. Além das singularidades chilenas, as limitações do campo político das direitas colocado por S. Correa podem, talvez, explicar sua periodização.

Os três momentos “reacionários” de Albert Hirschman e o nascimento das novas direitas

Como posicionar estas direitas comparativamente à cronologia proposta por A. Hirschman, em seu estudo *Deux siècles de rhétorique réactionnaire* (Dois séculos de retórica reacionária)? Ao invés de utilizar o termo “direita”, esse autor fala de “reação” e considera que houve três momentos “reacionários”.¹³ O primeiro reside no movimento de ideias hostis à afirmação do princípio de igualdade perante a lei e, em geral, ao reconhecimento para qualquer homem de seus direitos civis, ocorrido durante as grandes revoluções atlânticas do século XVIII. A segunda onda reacionária se opôs ao sufrágio universal, acontecido no final do século XIX. Esta é menos conscientemente contrarrevolucionária do que a primeira, mas há uma enorme literatura que utiliza todos os argumentos possíveis para condenar “as massas”, as “maiorias” e o governo “democrático”. A terceira reação, finalmente, inclui a crítica, ocorrida desde o final da II Guerra Mundial, do estado e dos esforços utilizados para eliminar, reduzir ou “reformar” seus privilégios.

Se a questão da simetria ou da identificação entre o pensamento contrarrevolucionário europeu, encarnado por E. Burke, J. De Maistre ou ainda L. Bonald, e o primeiro conservadorismo sul-americano, que participa à sua maneira do gesto libertador do início do século XIX, ainda está em questão, parece que, ao contrário, as duas últimas “reações” descritas por A. Hirschman não deixaram dúvidas. Na verdade, Túlio Halperin-Donghi destaca os vários esforços empregados por uma grande parte da burguesia para se opor à democratização da sociedade argentina, implementada por governos radicais do primeiro terço do século XX. Ele também analisa o surgimento de uma direita radical e nacionalista neste mesmo período, avatar de uma direita herdeira do século XIX, que desafia, em nome do nacionalismo, o consenso ideológico em torno do estado e da nação argentina, desenvolvido na segunda metade do século XIX.¹⁴ Esta questão

13 HIRSCHMAN, Albert. *Deux siècles rhetorique reactionnaire*. Paris: Editions Fayard, 1991. Nota do organizador: o livro foi traduzido no Brasil; HIRSCHMAN, Albert O. A retórica da intransigência: perversidade, futilidade, ameaça. São Paulo: Companhia das letras, 1992.

14 Disponível em: <<http://www.hechohistorico.com.ar/Biblioteca/Biblioteca%20del%20Pensamiento%20Argentino%20-%20Documentos/Tomo%20IV%20-%20Halperin%20Donghi%20-%20Vida%20y%20muerte%20de%20>

do “nacionalismo”, o que seria um atributo exclusivo das direitas – e tão comumente usado para descrever algumas políticas direitistas atuais na Argentina –, continua sujeita a ser questionada como conceito operativo, no sentido de que há também um nacionalismo de “esquerda”. Contudo, T. Halperin-Donghi incluiu no que ele chama de uma “nova direita” os pensadores, indiscutivelmente nacionalistas, tais como Leopoldo Lugones, Ernesto Palacio, Cesar E. Pico, Julio Meinvielle, Tomás D. Casares e Julio Irazusta. Sua análise juntou-se aos trabalhos, agora clássicos, de Sandra McGee, sobre “a extrema direita” nos países “ABC (Argentina, Brasil e Chile)”. Ela define esta “extrema direita” nacionalista como uma reação às correntes igualitárias e libertárias que, durante as primeiras décadas do século XX, minaram a ordem socioeconômica (expressa por meio de conceitos como autoridade, propriedade privada e tradições familiares, locais e nacionais).¹⁵

A existência de uma “nova direita” subentende a ideia de uma “velha direita”, que T. Halpérin Donghi não chegou a apresentar em seu trabalho de compilação das fontes já mencionado. Para alguns autores que estão interessados no caso do Chile, é ao redor da terceira tese reacionária de A. Hirschman, aquela acerca da rejeição do Estado providêncial, que se situa uma ruptura da direita e, consequentemente, o aparecimento de uma “nova direita”.¹⁶ Mesmo que esta tese seja parcialmente refutada por S. Correa, estes autores evidenciaram o rompimento geracional, ideológico e cultural dessa nova direita, em relação aos partidos herdados do século XIX e que desapareceram em 1966. Se nos apegamos à história das ideias, então, a genealogia intelectual conservadora se inicia nas primeiras décadas do

la%20Rep%FAblica%20verdadera%20%281910-1930%29.pdf>. Acesso em: 18 ago. 2013. Tulio Halperín Donghi também se interessou pela historiografia dita “decadentista” que refletia uma ideologia de “direita” em HALPERÍN DONGHI, Tulio. *El revisionismo histórico argentino como visión decadentista de la historia nacional*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2005; HALPERÍN DONGHI, Tulio. *La Argentina y la tormenta del mundo*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2003.

15 Ela não discorda muito sobre isso dos trabalhos de David Rock. Para a Argentina, podemos consultar os seguintes livros: BERTONI, Lilia Ana. *Patriotas, cosmopolitas y nacionalistas*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2001; BOTANA, Natalio. *El orden conservador: la política argentina entre 1880 y 1916*. Buenos Aires: Sudamericana, 1998; CATERINA, Luis María. *La Liga Patriótica Argentina*: un grupo de presión frente a las convulsiones sociales de la década del veinte. Buenos Aires: Corregidor, 1995; DEVOTO, Fernando. *Nacionalismo, fascismo y tradicionalismo en la Argentina moderna*: una historia. Buenos Aires: Siglo XXI, 2002; LVOVICH, Daniel. *Nacionalismo y antisemitismo en la Argentina*. Buenos Aires: Grupo Zeta, 2003; DEUTSCH, Sandra McGee. *Contrarrevolución en la Argentina, 1900-1932*: la Liga Patriótica Argentina. Buenos Aires: Universidad Nacional de Quilmes, 2003; DEUTSCH, Sandra Mc. Gee (et al.). *La derecha argentina*: nacionalistas, neoliberales, militares y cléricales. Buenos Aires: Javier Vergara Editor, 2001; DEUTSCH, Sandra Mc. Gee; DOLKHART, Ronald H. (ed.). *The argentine right*; ROCK, David. *La Argentina autoritaria*: los nacionalistas, su historia y su influencia en la vida pública. Buenos Aires: Ariel, 1993; TATO, María Inés. *Viento de fronda*: liberalismo, conservadurismo y democracia en la Argentina, 1911-1932. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores Argentina, 2004; ZANATTA, Loris. *Del estado liberal a la nación católica*: iglesia y ejército en los orígenes del peronismo, 1930-1943. Buenos Aires: Universidad Nacional de Quilmes, 1996. Para o México, BUENDÍA, Manuel. *La ultraderecha en México*. México Coedición de la Fundación Manuel Buendía, A.C./Rayuela Editores, 1996; DELGADO, Alvaro. *El Yunque*: la ultraderecha en el poder, México: Plaza Janés, 2003; DELGADO, Alvaro. *El ejército de Dios*: nuevas revelaciones sobre la extrema derecha en México. México: Plaza Janés, 2005; RUIZ, Edgar González. *La última cruzada*: de los cristeros a Fox. México: Editorial Grijalbo, 2001.

16 POLLACK, Marcelo. *The new right in Chile*. Series: St Antony's Series. New York: Palgrave Macmillan, 1999; BOISARD, Stéphane. *L'émergence d'une nouvelle droite au Chili (1955-1983)*: autoritarisme, néolibéralisme et conservatism. Toulouse: Université Toulouse 2 – Le Mirail, 2001 (Histoire de l'Amérique Latine, Thèse de doctorat); VALDIVIA, Verónica. *Nacionales y gremialistas*. Santiago de Chile: LOM, 2008.

século XX, de acordo com Renato Cristi e Carlos Ruiz.¹⁷ A partir de estudos sobre os historiadores chilenos, estes dois autores mostraram que o pensamento deles formava um *corpus* relativamente homogêneo, em torno das noções de “continuidade histórica”, “autoridade” e “tradição”, “ordem”, “legitimidade”, “nação”, “Estado nacional”, “democracia” e “liberalismo”. No entanto, eles introduzem uma nova nuance na definição desta “nova direita”. Sem que algum partido tenha a exclusividade de uma ideia, nem que os grupos sejam fechados hermeticamente, a direita “nacionalista-corporativista” se divide em duas correntes, do início do século XX até o final dos anos 1970: os corporativistas, defensores da *tese nobiliaria* que buscava garantir a autonomia dos órgãos intermediários, contra os poderes do Estado; e os defensores da *tese monarquista*, que defendia um regime autoritário e centralizado em torno de um Estado forte, para alguns necessariamente militar.

O catolicismo e o anticomunismo: dois critérios indispensáveis para pensar as direitas da América Latina?

As direitas hispano-americanas, como suas homólogas espanholas,¹⁸ compartilham uma identidade comum marcada pelo catolicismo. Essa instituição impregnou-as de valores e de uma visão de mundo carregada de símbolos, mitos e imagens, muitas vezes não teorizadas – tais como o providencialismo, a luta do bem contra o mal como motor da história, a “causalidade diabólica”, a existência do “bode expiatório”, a idade de ouro perdida. Essa *weltanschauung* poderia explicar os obstáculos para o surgimento, no século XX, de uma direita do tipo da *whig* inglesa, liberal e democrática. Sem negar a constituição de tal direita ao longo do século XX, deve-se notar a dificuldade dessa facção política em se adaptar à política moderna, à inevitável democratização dos sistemas políticos dos partidos de massa e à crescente secularização das sociedades. O uso do golpe militar de estado poderia ser um sinal dessa fraqueza congênita das direitas hispano-americanas, como evidenciado pela “década infame” da história da Argentina (1930-1940). A forte pressão “por secularização” também levou a uma divisão das direitas católicas hispano-americanas, em torno da década de 1930, de um lado, a “democracia cristã”, inspirada pelo pensamento tardio do falecido J. Maritain e, de outro, uma corrente profundamente antiliberal, chamada “integralista”, que perdura sob diferentes formas até os dias de hoje. Foi necessário esperar até as décadas posteriores à Segunda Guerra Mundial para que uma parte desses católicos “integralistas” se re-

17 RENATO, Cristi; CARLOS, Ruiz. *El pensamiento conservador en Chile: seis ensayos*. Santiago de Chile: Editorial Universitaria, 1992.

18 CUEVAS, Pedro Carlos González. *Acción Española: teología política y nacionalismo autoritario en España (1913-1936)*. Madrid: Tecnos, 1998; *Historia de las derechas Españolas: de la Ilustración a nuestros días*. Madrid: Biblioteca Nueva, 2000; *El pensamiento político de la derecha Española en el siglo XX*. Madrid: Tecnos, 2005.

conciliassem com a economia do mercado, impulsionados, entre outros, pela *Opus Dei* espanhola. A importância do catolicismo nas direitas “ibero-americanas” também representou um obstáculo à verdadeira cristalização de uma extrema-direita secular, de tipo radical ou fascista, apesar das várias tentativas, como a do Movimento nacional-socialista do chileno González von Marés. Finalmente, encontramos poucas referências – sem contar as indiretas e tardias – à “direita hegeliana”, ao “nacionalismo integral” de Maurras, ao “decisionismo” de Karl Schmitt, ou, ainda, ao neo-paganismo anti-norteamericano da “nova direita francesa”, teorizada por Alain de Benoist. Nesse sentido, a posição hegemônica da Igreja Católica tem impedido a introdução no pensamento de direita do idealismo alemão, do positivismo de Comte, do darwinismo social ou do niilismo de Nietzsche. Finalmente, foi necessário aguardar a grande renovação católica causada pelo Concílio Vaticano II para ver aparecer na direita católica ibero-americana conservadora uma abertura em direção ao liberalismo, defendido pelos economistas neoclássicos da Universidade de Chicago.

Devido à presença do catolicismo no continente ibero-americano, um outro fator de reconhecimento das direitas teve um papel crucial ao longo do século XX: o anticomunismo. Este anticomunismo, que pertence por excelência ao campo dos *connected studies*, não é um privilégio apenas da América. Lembremos que o tema também é controverso na Europa desde 1917,¹⁹ antes de atingir seu apogeu com a Guerra Fria e a luta anti-subversiva, e ressurgir “inesperadamente” com a queda do Muro de Berlim.²⁰ Deste ponto de vista, para a América Latina, a genealogia do imaginário anticomunista nas direitas e a cronologia de sua construção não pode ignorar as escalações nacional, continental e mundial e, para citar apenas um exemplo aqui, Rodrigo Patto Sá Motta demonstrou que a ação das direitas brasileiras, no século XX, não pode ser entendida sem esta dimensão.²¹ Mesmo que a “questão social” esteja presente desde o século XIX, um novo patamar é ultrapassado com a Revolução Bolchevique, de 1917.²² Constrói-se, então, um inimigo fantasma que seria capaz de destruir a nação ideal, colocando em questão o princípio de unanimidade, herdado desde o período colonial. Em seguida, esta ideia de uma nação em risco, alimentada por um pen-

19 BERSTEIN, Serge; BECKER, Jean-Jacques. *Histoire de l'anticommunisme en France*. Tome 1 (1917-1940). Paris: Olivier Orban, 1987.

20 TRAVERSO, Enzo. *De l'anti-communisme: l'histoire du xx^e siècle relée par Nolte, Furet et Courtois*. Paris: L'Harmattan, 2001/2, p.169-194, n.140-141. As obras analisadas são: NOLTE, Ernst. *Der europäische Bürgerkrieg 1917-1945: National-Sozialismus und Bolchewismus*. Frankfurt sur le Main/Berlin: Ullstein, Propyläen Verlag, 1987; FURET, François. *Le passé d'une illusion: essai sur l'idée communiste au xx^e siècle*. Paris: Laffont/Calmann Lévy, 1995; COURTOIS, Stéphane (éd.). *Le livre noir du communisme: crimes, terreur, répression*. Paris: Laffont, 1997.

21 MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Em guarda contra o perigo vermelho: o anticomunismo no Brasil*. São Paulo: Perspectiva/Fapesp, 2002.

22 TOSO, Sergio Grez. *La cuestión social en Chile: ideas y debates precursores (1804-1902)*. Santiago de Chile: DIBAM, 1997; TOSO, Sergio Grez. *Historia del Comunismo en Chile: la época de Recabarren 1912-1924*. Santiago de Chile: Lom Ediciones, 2011.

samento decadentista, toma forma particular nas direitas organicistas do período Entre Guerras, inspiradas pelo catolicismo-nacional espanhol ou pelo pensamento fascista. O corpo social unido e uniforme seria ameaçado pelas massas populares, manipuladas por partidos políticos controlados do exterior, justificando a volta da repressão política feroz e de uma resistência tenaz ao ponto de vista pluralista democrático. Isso resultará, após a Segunda Guerra Mundial, em muitos países, em longas décadas de vigência de uma ditadura de segurança nacional.²³

Algumas propostas metodológicas para pensar as direitas ibero-americanas no século XX

Após esta rápida – e parcial – análise das questões levantadas pelas “direitas na América Latina”, aparece o problema do quadro e da definição do próprio objeto científico. A direita não tem outro sentido que aquele que lhe damos ou, então, devemos partir de esquemas conceituais gerais, tais como desenvolveram, entre outros, Norberto Bobbio, Jean-François Sirinelli ou Emmanuel Terray? O objetivo desta seção é sugerir algumas hipóteses de trabalho para alimentar a discussão geral.

Duas grades de interpretações sistêmicas

A partir de uma perspectiva liberal, Norberto Bobbio rejeita o relativismo “ideológico”, porque “esquerda e direita” não se referem apenas a ideologias.²⁴ Elas também sustentam uma série de valores historicamente positivos para a esquerda e negativos para a direita: o conservadorismo e a reação são da direita, enquanto o progresso e a mudança são da esquerda. Direita e esquerda também se comparam de acordo com o poder: a primeira considera-o essencial, enquanto a esquerda denuncia seu potencial repressivo e desumanizante. De acordo com N. Bobbio, o ideal de liberdade não servirá para distinguir a esquerda da direita, no sentido de que existem doutrinas e movimentos libertários e autoritários que pertencem a essas duas escolas de pensamento. Mas a ideia de liberdade ainda é útil para dividir o universo político, não tanto em relação à finalidade da ação política, mas aos meios utilizados para tanto. Por outro lado, este cientista político afirma que a aspiração à igualdade é a motivadora dos movimentos de esquerda, pois a igualdade é o único critério que resiste ao tempo e que constitui um valor fundamental de esquerda. A esquerda considera que os homens são livres e que a igualdade implica no reconhecimento

23 BOISARD, Stéphane; ENDERS, Armelle; VERDO, Geneviève (coord.). *L'Amérique latine des régimes militaires. Vingtième Siècle. Revue d'histoire*, Paris, n.105 (spécial), janvier-mars 2010.

24 BOBBIO, Norberto. *Droite et Gauche: essai sur une distinction politique*. Paris: Éditions du Seuil, 1996 (édition originale italienne: 1994).

de direitos sociais relacionados à liberdade, direitos sem os quais ela seria apenas formal. Apesar da persistência dessa referência à igualdade através do tempo, seria errado pensar “direita e esquerda” como dois conjuntos coerentes, homogêneos e monolíticos.

Norberto Bobbio também nos convida a pensar a questão das culturas políticas quando ele propõe uma distinção entre “moderados” e “extremistas”. A partir dos termos provenientes da Revolução Francesa, “o que a revolução e os contra revolucionários e seus movimentos respectivos têm em comum é o fato de pertencerem, cada um em seu campo, à ala extremista, que se opõe à tendência moderada”. Ele lembra, ao mesmo tempo, que a diáde extremista-moderada não coincide com a dupla direita-esquerda, mas concerne ao grau de radicalização e, consequentemente, às diferentes estratégias para implementar as ideias professadas. Neste sentido, o antidemocratismo é apenas um dos pontos de convergência entre os “opostos extremistas”, mas isso reflete, principalmente, uma forte corrente de hostilidade contra o racionalismo das “Luzes”. A moderação é gradual e evolucionista e toma como guia de ação a ideia de desenvolvimento; o extremista, por outro lado, qualquer que seja o objetivo, é catastrófico: ele interpreta a história como uma sucessão de saltos qualitativos, de rupturas, às quais a inteligência e a força da ação humana não são estranhas, o que o torna o portador de uma visão “profética” da história. Os extremistas de ambos os lados também concordam com as questões da moralidade e da virtude e eles encontram, neste terreno, bons motivos para se opor aos moderados: as virtudes guerreiras, heróicas, a coragem e a ousadia são lançadas contra as virtudes consideradas mercantis, que, como tais, são desprezadas: a prudência, a tolerância, a razão calculadora e a paciência, virtudes necessárias nas relações de mercado onde é preciso ceder e fazer acordos.

Jean-François Sirinnelli, em um estudo antigo, oferece três linhas de reflexão para abordar as direitas. Ele começa a partir de uma definição ampla do objeto político, como “o estudo tridimensional da devolução e da repartição da autoridade e do poder dentro de uma determinada comunidade, conforme definido em sua área; em seguida, aborda as tensões e os conflitos que surgem, a configuração de forças visíveis ou subterrâneas, as ideias explícitas e as sensibilidades não formuladas, que afloram por meio destas tensões e conflitos”.²⁵ Ele, então, propõe uma grade para analisar os partidos políticos, com base em uma interpretação tanto “genética”, quanto “genealógica”. A abordagem “genética” determina o papel e as contribuições do evento estruturante; a perspectiva “genealógica” mostra como, com maior ou menor intensidade, as construções sistemáticas se alteram,

25 SIRINELLI, Jean François (cord.). *Histoire des droites en France* (3 vol.). Paris: Gallimard, v.1, 1992, p.VIII.

se flexionam, se ramificam, determinam legados e desenham linhas. Este autor propõe a apreensão das direitas sob três ângulos.

O primeiro e mais simples é o ângulo *político*. Ele deve mostrar “a emergência e a consolidação de várias direitas em relação à conquista e ao exercício do poder e às instituições que os organizam”.²⁶ Isso perpassa a definição de suas próprias identidades por meio de seus programas e discursos, pegando emprestado dos grandes sistemas de ideias, mais ou menos fundamentados, seus horizontes ideológicos em termos de visões de mundo. O ângulo da *cultura política*, em seguida, está relacionado às formas de representação do mundo no seio de um grupo humano. Estas formas de representação são o resultado de construções intelectuais, de valores e de crenças, herdados do meio e da educação. Para Jean-François Sirinelli, “as grandes ideologias formam apenas um dos componentes. Também se amalgam – nutrindo e explicando, ao mesmo tempo, essas crenças e valores – uma memória específica, que consiste em datas-chave, personagens inspiradores, eventualmente textos canônicos, seu próprio vocabulário e, muitas vezes, uma sociabilidade particular, ritualizada ou não”.²⁷ A cultura política é filtrada, difundida através de filtros, redes e mediadores como a imprensa, as publicações, a escrita da história acadêmica, a memória coletiva e as instituições educacionais. O ângulo das *sensibilidades*, enfim, consiste em destacar os “horizontes ideológicos”, as “visões de mundo”, sobre as quais agem um conjunto hierarquizado de princípios e valores. “As sensibilidades são maneiras de ser, de agir, de conceber e de perceber, formadas pelas ideias, convicções e crenças ditadas pelos horizontes ideológicos, transmitidos pelo ambiente, pela educação e moldadas pela experiência individual ou coletiva (...). Esta área é, então, aquela do reativo e do semiconsciente, das obsessões e das rejeições”.²⁸ Esta última área desperta o interessasse por uma abordagem mais antropológica.

Uma leitura antropológica: existe um “homem de direita”?

Podemos completar o esquema sistêmico do retrato de um homem de direita a partir de dois estudos, um proposto no livro já mencionado (Jean François Sirinelli, *Histoire des droites en France*) e, o outro, num dos mais recentes do antropólogo Emmanuel Terray, intitulado *Penser à droite*. Na verdade, a obra editada por J.F. Sirinelli conclui com um artigo, intitulado “O que é ser de direita?”. Sem ser capaz de resumir, aqui, todos os elementos antecipados neste artigo, podemos identificar algumas características que definem o homem de direita. Ele é habitado por uma espécie de “pessimismo antropológico”, que pode derivar de uma visão decadente da nação

26 SIRINELLI, Jean François (cord.). *Histoire des droites en France*, v.1, p.XXXVI.

27 SIRINELLI, Jean François (cord.). *Histoire des droites en France*, v.2, p.V-VI.

28 SIRINELLI, Jean François (cord.). *Histoire des droites en France*, v.1, p.XLI.

e do corpo social. Os pensamentos de direita chegam a uma conclusão radical e definitiva: a desigualdade natural, inexorável, entre os homens; a luta subsequente contra qualquer forma de homogeneização e de “nivellamento democrático pelo inferior” e a defesa do elitismo e da hierarquia necessários dentro da sociedade. Este anti-igualitarismo visceral baseia-se na ideia de que a diferença e a diversidade culturais são consubstanciais à humanidade, de onde sobressai, no nível da sociedade, a ideia de uma pluralidade de identidades de nações, inscritas na história e passadas de geração em geração. É por isso que as direitas, em pensamento e em ação, se caracterizam pela sua inclinação para a permanência e a continuidade, seu apego à tradição e às convenções estabelecidas, o que resulta numa visão particular da história, que não pode ser expressa em uma ordem linear e cronológica, mas sim em termos de persistência de estruturas, comunidades, hábitos e preconceitos. Desse ponto de vista, lembremos que, na direita reacionária, existe uma visão cíclica da história, segundo a qual a realidade escapa à ação do homem. De uma maneira geral, e seja qual for o grau de rejeição ao construtivismo, conforme a tendência de direita que se expressa, na direita há um horror sagrado à mudança brusca e brutal, à revolução.

O estudo de Emmanuel Terray, *Penser à droit*, confirma e aprofunda essa análise inicial, adicionando novas categorias conceituais. De acordo com E. Terray, os historiadores que refletiram sobre a direita na França sempre insistiram em sua diversidade. Mas ele observa, antropologicamente, uma inegável continuidade no tempo e uma grande coerência. Como ele escreveu: “O pensamento de direita é primeiramente marcado por um realismo (...), ele privilegia o existente e tende a ceder diante da força das coisas, do poder do fato adquirido”.²⁹ O real, porque é um dado do mundo anterior à ação humana, é um guia seguro para a reflexão e a ação. Prioridade absoluta lhe é dada sobre todos os “outros modos de ser”: a memória, a esperança, a possibilidade, a imaginação, o ideal, a ficção, o sonho, a utopia... Porque “o que existe” é efeito da providência divina ou persistiu por tradição, desde o início, e, portanto, não pode ser de outra forma, e “o que existe” deve ser aceito como tal. Consequentemente, o pensamento de direita rejeita todas as categorias universais. Assim, de acordo com inúmeros pensadores de direita, a humanidade é apenas um conceito zoológico, sem conteúdo político, social ou cultural, e devemos dar preferência à nação. E ela não deve ser exposta a qualquer miscigenação, sob pena de colocar em risco a ordem estabelecida.

Esta defesa da ordem estabelecida é interessante porque ataca o suposto pragmatismo da direita. A ordem estabelecida muda sob a pressão

29 TERRAY, Emmanuel. *Penser à droit*. Paris: Galilée, 2012, p.23.

dos movimentos ao redor do mundo; a direita é confrontada por um prazo: ou ela permanece fiel à ordem estabelecida, como ela sempre defendeu, e cai na reação; ou ela se adapta para preservar o essencial de suas posições e de seu poder (e faz, em seguida, da máxima de Visconti em *O Leopardo*, seu lema: “tudo deve mudar para que nada mude”). De um modo geral, segundo Emmanuel Terray, o principal recurso do pensamento de direita é o medo: o homem de direita, basicamente, tem medo da perda, da dissolução ou do desaparecimento. Mesmo hoje a questão da sobrevivência das direitas é colocada: elas terão sucesso, em nome do pragmatismo, de se adaptarem, sem se dividirem profundamente, ao que Robert Castel chamou do fim da “sociedade salarial”,³⁰ à arrogância capitalista? Emmanuel Terray parece duvidar, mesmo concluindo seu estudo com uma fala inspirada do líder reformista chinês, Zhao Ziyang, demitido após se opor ao massacre da Praça Tíannamen: “Leitores de direita (...) não se preocupem: haverá sempre uma ordem estabelecida para defender, e vocês poderão desempenhar o papel que é caro para vocês até o fim dos tempos”.³¹

Conclusão

Depois de um breve panorama das direitas latino-americanas no século XX, que não tinha outro propósito senão o de levantar questões – e não o de fornecer respostas definitivas –, parece que o caminho a percorrer para construir ferramentas e uma estrutura conceitual satisfatória para pensar esta facção política ainda é longo. A historicização do conceito de “direita(s)” será um passo importante nessa construção. Isto irá definir a data de nascimento das “diretas” e/ou os acontecimentos estruturantes que explicam sua aparição no campo político. Em outras palavras, é preciso perguntar se as direitas nasceram no século XX, ou se elas são uma extensão, sob outras formas, do conservadorismo do século XIX. Isso leva, logicamente, a identificar os atores de direita (os partidos políticos, os movimentos, os pensadores e seus intermediários, a Igreja Católica e suas ramificações (outras igrejas?), a mídia, os líderes empresariais e os sindicatos patronais, as variadas instituições, como clubes e seus avatares contemporâneos, os *think tanks* ...). A partir desses elementos, será possível desenvolver uma cronologia precisa e propor uma periodização rigorosa. Considerando as tradições e a evolução dos sistemas políticos, devemos questionar se o conceito de “direita” pode ser aplicado de maneira uniforme em toda a área ibero-americana.

Se nos parece claro que devemos falar de “direitas” no plural, será necessário definir os marcadores determinantes que permitem caracterizar

30 CASTEL, Robert. *Les métamorphoses de la question sociale*, Paris: Fayard, 1995.

31 TERRAY, Emmanuel. *Penser à droite*, p.162.

essa corrente de pensamento: o catolicismo, o anticomunismo, a economia de mercado, o autoritarismo político? Para além da análise dos sistemas políticos, uma resposta à questão da utilização, ou não, do termo em alguns países e não em outros deverá considerar também as influências europeias e/ou norte americanas e a recepção dessas influências na América Latina. É, portanto, adequado destacar as redes sociais que unem os atores ibero-americanos ao resto do mundo. A importância das circulações Europa/América Latina e Estados Unidos da América/América Latina parece, portanto, crucial. Em qualquer caso, o empreendimento é ambicioso, mas não intransponível e podemos contar com uma nova geração de pesquisadores que encararam esse problema com determinação e que já se anuncia como muito promissora.